

a cura de schopenhauer

irvin d. yalom

Tradução de Carlos Romão



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para o meu grupo de companheiros mais velhos,
que me privilegiam com a sua amizade,
partilham comigo as inevitáveis perdas e
diminuições da vida e continuam a oferecer-me
apoio e sabedoria para a vida da mente: Robert
Berguer, Murray Bilmes, Martel Bryant, Dagfinn
Føllesdahl, Joseph Frank, Van Harvey, Julius
Kaplan, Herbert Kotz, Morton Lieberman,
Walter Sokel, Saul Spiro e Larry Zaroff.

AGRADECIMENTOS

Este livro teve uma longa gestão e estou muito grato a todas as pessoas que me apoiaram. Aos editores que me ajudaram nesta estranha mistura de ficção, psicobiografia, psicologia e pedagogia da psicoterapia: Marjorie Braman (enorme apoio e orientação na HarperCollins) e Kent Carroll. E aos meus maravilhosos editores domésticos: o meu filho, Ben, e a minha mulher, Marilyn. Também aos amigos e colegas que leram trechos ou todo o original e deram sugestões: Van e Margaret Harvey, Walter Sokel, Ruthellen Josselson, Carolyn Zaroff, Murray Bilmes, Julius Kaplan, Scott Wood, Herb Kotz, Roger Walsh, Saul Spiro, Jean Rose, Helen Blau, David Spiegel. Agradeço ao meu grupo de apoio formado por colegas terapeutas, que durante toda a execução deste projecto me ofereceram uma amizade e um suporte irrestritos. E ainda ao meu incrível e multitalentoso agente literário, Sandy Dijkstra, que, entre outras opiniões, sugeriu o título (como fez com o meu livro anterior, *The Gift of Therapy*). Por fim, agradeço ao meu assistente de investigação, Geri Doran.

Grande parte da correspondência de Schopenhauer não está traduzida ou foi mal traduzida para o inglês. Preciso de agradecer aos meus assistentes de investigação alemães, Markus Buergin e Felix Reuter, pelas traduções e pela sua pesquisa em bibliotecas. Walter Sokel deu uma

ótima orientação e ajudou a traduzir para o inglês os aforismos do início de cada capítulo, que reflectem bem a prosa lúcida e vigorosa de Schopenhauer.

Neste livro, como em todos os outros, a minha mulher, Marilyn, foi uma base de apoio e amor.

Tive a ajuda de muitos bons livros. Estou imensamente grato à excelente biografia de Rudiger Safranski, *Schopenhauer and the Wild Years of Philosophy* (Harvard University Press, 1989), e à longa e generosa conversa que o autor teve comigo num café de Berlim. A ideia de uma biblioterapia (curar-se lendo todas as obras de filosofia) veio do excelente livro de Byran Magee, *Confessions of a Philosopher* (Nova Iorque: Modern Library, 1999). Outros livros que consultei foram: *The Philosophy of Schopenhauer*, de Byron Magee (Oxford: Clarendon Press, 1983, revisto em 1997); *Schopenhauer: The Human Character*, de John E. Atwell (Filadélfia: Temple University Press, 1990); *Schopenhauer*, de Christopher Janeway (Oxford, Inglaterra: Oxford Press University Press, 1994); *The Philosophers: Their Lives and the Nature of their Thought*, de Ben-Ami Scharfstein (Nova Iorque: Oxford University Press, 1989); *Schopenhauer*, de Patrick Gardiner (Saint Augustine's Press, 1997); *The Philosophy of Disenchantment*, de Edgar Saltus (Nova Iorque: Peter Eckler Publishing Co., 1885); *The Cambridge Companion to Schopenhauer*, de Christopher Janeway (Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 1999); *Schopenhauer*, de Michael Tanner (Nova Iorque: Routledge, 1999); *Arthur Schopenhauer: Philosopher of Pessimism*, de Frederick Copleston (Andover, Inglaterra: Chapel River Press, 1946); *The Consolations of Philosophy*, de Alain de Botton (Nova Iorque: Vintage, 2001); *Philosophical Counseling*, de Peter Raabe (Westport, Conn.: Praeger); *Philosophy Practice: An Alternative to Counseling and Psychotherapy*, de Shlomit C. Schuster (Westport, Conn.: Praeger, 1999); *Plato not Prozac*, de Lou Marinoff (Nova Iorque: HarperCollins, 1999); *Philosophy as a Way of Life: Spiritual Exercises from Socrates to Foucault*, de Pierre Hadot e Arnold I. Davidson, eds. (trad. de Michael Chase, New Haven: Blachwell, 1995); *The Therapy of Desire*, de Martha Nussbaum (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1994); *Philosophy for Counseling and Psychotherapy: Pythagoras to Postmodernism* (Londres: Macmillan, 2000).

Cada vez que respiramos, afastamos a morte que nos ameaça. (...) No fim, ela vence, pois desde o nascimento é esse o nosso destino e ela brinca um pouco com a sua presa antes de a comer. Mas continuamos a viver com grande interesse e inquietação durante o máximo tempo possível, do mesmo modo que sopramos uma bola de sabão até esta ficar bastante grande, embora tenhamos a certeza absoluta de que vai rebentar.

CAPÍTULO 1

Como toda a gente, Julius conhecia as homilias a respeito da vida e da morte. Concordava com os estóicos, que diziam: «Começamos a morrer quando nascemos», e com Epicuro, que reflectia: «Onde estou, a morte não está, e onde ela está, não estou. Então, porque temê-la?» Como médico e psiquiatra, dissera, baixinho, estas palavras de consolo ao ouvido de doentes graves.

Embora acreditasse que essas sombrias reflexões fossem úteis para os seus pacientes, Julius jamais pensou que tivessem algo que ver com ele. Até ao momento em que enfrentou uma situação muito difícil, ocorrida há quatro semanas e que mudou para sempre a sua vida.

Foi durante o exame médico anual de rotina. O seu médico, Herb Katz — um velho amigo e colega de curso na Faculdade de Medicina —, acabou de o examinar e, como sempre, pediu a Julius para se vestir e voltar ao gabinete, para uma conversa.

Herb sentou-se à secretária e disse, olhando para as fichas de Julius:

— No geral, estás muito bem para um indivíduo de sessenta e cinco anos. A próstata está um pouco aumentada, mas também a minha está. Os exames de sangue, colesterol e os níveis de lípidos estão bons, prova de que os remédios e a dieta estão a fazer efeito. Eis a receita para o *Lipitor*, que juntamente com as corridas reduziram bastante o teu coles-

terol. Portanto, podes comer um ovo de vez em quando. Eu como dois ao pequeno-almoço de domingo. E esta é a receita para o *Synthyroid*. Aumentei um pouco a dose. A tiróide está a diminuir aos poucos, as células boas estão a morrer e a ser substituídas por matéria fibrosa. Uma situação perfeitamente benigna, como sabes. Acontece com toda a gente, também eu estou a tomar remédio para a tiróide.

»É assim, Julius, nenhuma parte de nós escapa à velhice. Além da tiróide, as cartilagens dos joelhos estão gastas, os folículos capilares estão a morrer e os discos lombares superiores já não são o que eram. A pele também piora de forma evidente: as células epiteliais estão pura e simplesmente a acabar-se, basta reparar nessas ceratoses senis na tua cara, essas manchas lisas, castanhas.

Agarrou num pequeno espelho para Julius olhar.

— Deve ter aparecido mais uma dúzia, desde a última vez que te examinei. Quanto tempo tens passado ao sol? Usas um chapéu de abas largas, como te recomendei? Quero que consultes um dermatologista sobre isto. Bob King é um bom especialista. Fica no prédio aqui ao lado. Tens aqui o telefone dele. Conhece-lo?

Julius assentiu com a cabeça.

— Ele pode queimar-te as manchas mais evidentes com umas gotas de nitrogénio líquido. Tirou-me várias, no mês passado. É rápido, só uns cinco a dez minutos. Muitos médicos também fazem isso, agora. Há uma mancha nas tuas costas que quero que seja vista por ele: não a consegues ver, está mesmo por baixo da omoplata direita. Parece diferente das outras, tem pigmentação desigual e as bordas não são nítidas. Não deve ser nada, mas é melhor que ele a veja. Está certo, amigo?

«Não deve ser nada, mas é melhor que ele a veja.» Julius notou o tom tenso e forçadamente informal na voz de Herb. Mas, sejamos francos, a frase «tem pigmentação desigual e as bordas não são nítidas», dita de um médico a outro, era alarmante. O código para um provável melanoma, e, pensando nisso depois, Julius marcou aquela frase, aquele exacto momento, como sendo o instante em que a sua vida despreocupada terminou. A morte chegara para ficar, nunca mais saiu do seu lado, e todos os horrores que se seguiram foram pós-escritos previsíveis.

Anos antes, Bob King fora doente dele, como também muitos médicos de São Francisco. Julius imperava na comunidade psiquiátrica há trinta anos. Como professor de Psiquiatria na Universidade da

Califórnia, preparara levas de estudantes e, cinco anos antes, fora eleito presidente da Associação Americana de Psiquiatria.

A sua fama? De médico dos médicos. Terapeuta de ponta, um bruxo sagaz e disposto a fazer tudo para ajudar o paciente. Foi por isso que, dez anos antes, Bob King o procurou para tratar o seu velho vício em *Vicodan*, a droga que viciava os médicos porque era muito fácil de conseguir. Na época, King estava com muitos problemas. Tinha aumentado muito a sua necessidade de consumir a droga, pois o casamento estava a desfazer-se, o consultório ia mal e ele precisava do remédio todas as noites para dormir.

Bob King tentou tratar-se, mas todas as portas se fecharam para ele. Os terapeutas que consultou insistiam para que fizesse um programa de recuperação para médicos, ideia que não aceitou porque não queria comprometer a sua privacidade frequentando grupos de terapia com colegas viciados. Os terapeutas não iam fazer nada. Se tratassem um médico viciado e em actividade, sem usar o programa oficial de recuperação, arriscavam-se a ser punidos pelo Conselho de Medicina ou processados (caso, por exemplo, o paciente cometesse um erro médico).

Como último recurso antes de largar o consultório e se ir tratar como anónimo noutra cidade, Bob King procurou Julius, que assumiu o risco e confiou que Bob conseguiria largar o *Vicodan*. Embora a terapia tivesse sido difícil, como sempre acontece com os viciados, Julius tratou o colega durante três anos, sem ajuda de qualquer programa de recuperação. E foi um daqueles segredos que qualquer psiquiatra guarda, um sucesso terapêutico que não podia de maneira nenhuma ser discutido em congresso, nem publicado em livro ou revista especializada.

Depois de sair do consultório de Herb Katz, Julius sentou-se no carro. O coração batia com tanta força que o carro parecia balançar. Respirou fundo para dominar o medo crescente, tomou fôlego outra vez e ainda outra, abriu o telemóvel e, com mãos trémulas, marcou uma consulta urgente para Bob King.

— Não gostei — disse-lhe Bob na manhã seguinte, enquanto examinava as costas de Julius com uma grande lupa redonda. — Pegue na lupa, quero que veja, podemos olhar através de dois espelhos.

Bob pôs Julius ao lado do espelho de parede e colocou um grande espelho manual junto à mancha. Julius olhou para o dermatologista pelo espelho: era louro, de rosto corado, óculos grossos sobre um nariz

comprido e imponente. Lembrou-se de Bob lhe contar que, na infância, as outras crianças o provocavam, chamando-lhe «nariz de pepino». Não mudara muito em dez anos. Parecia ansioso, como na época em que foi paciente de Julius — agitado, chegando sempre uns minutos atrasado. Julius lembrava-se sempre da frase do Coelho, em *Alice no País das Maravilhas*. «Estou atrasado, atrasado para um encontro importante», quando Bob entrava a correr no seu consultório. Tinha engordado, mas continuava miúdo. Parecia mesmo um dermatologista. Há alguém que conheça um dermatologista grande? Julius olhou para os olhos dele, — oh, oh, pareciam apreensivos —, as pupilas estavam bastante dilatadas.

— É isto aqui. — Julius olhou pelo espelho enquanto Bob apontava com uma caneta com uma ponta de borracha. — Este sinal por baixo do ombro esquerdo sob a omoplata. Está a ver?

Julius concordou.

Pegando numa pequena régua, continuou: — O diâmetro é inferior a um centímetro. Lembra-se, com certeza, da prática lei ABCD da cadeira de Dermatologia, na faculdade...

Julius interrompeu-o: — Não me lembro de nada de Dermatologia na faculdade...

— Certo. ABCD. A de assimetria: olhe para aqui — passou a caneta por cima da lesão. — Não é bem redonda, como todas as outras nas suas costas, repare nesta aqui e nesta — disse, apontando para duas pequenas manchas próximas.

Julius tentou quebrar a tensão, respirando fundo.

— B de bordas, olhe para aqui, sei que esta difícil de ver. — Bob apontou novamente para a lesão subescapular. — Veja, a parte de cima tem a borda definida mas o centro não, vai desaparecendo na pele. C de cor. Aqui, deste lado, repare que é castanho-clara. Se eu ampliar com a lupa, há um tom de vermelho, um pouco de preto, talvez até de cinza. D de diâmetro, digamos, menos de dois centímetros. É de tamanho razoável, mas não sabemos há quanto tempo a tem, isto é, com que rapidez está a crescer. Herb Katz diz que não havia mancha nenhuma quando o examinou no ano passado. Finalmente, se olharmos com a lupa, o centro está ulcerado.

Pondo o espelho de lado, pediu: — Vista a camisa.

Depois de Julius acabar de se abotoar, Bob sentou-se no banquinho da sala de exame e começou: — Bom, Julius, você conhece a literatura médica sobre o tema. O caso é preocupante, claro.

— Escute, Bob. Sei que o nosso anterior relacionamento faz com que esta situação se torne difícil para si, mas, por favor, não me peça para fazer o seu trabalho. Não pense que percebo alguma coisa disso. Lembre-se de que estou apavorado, quase em pânico. Quero que assuma a situação, seja absolutamente honesto comigo e trate de mim. Exactamente como fiz consigo. E, Bob, olhe para mim! Se evita o meu olhar, como fez agora, fico assustado como tudo.

— Tem razão, desculpe — olhou Julius de frente. — Tratou muito bem de mim. Vou fazer o mesmo. — Pigarreou: — Olhe, na minha opinião, é um melanoma.

Notando que Julius titubeou, acrescentou: — Mas o diagnóstico em si pouco diz. Lembre-se de que a *maioria* dos melanomas, eu disse a maioria, é facilmente tratável, mas alguns são uma chatice. Precisamos de saber umas coisas através do patologista: é mesmo um melanoma? Se for, qual a profundidade? Aumentou? O primeiro passo é a biopsia e uma amostra do tecido para o patologista. Assim que terminarmos, vou chamar um cirurgião para extirpar a lesão. Vou ficar ao lado dele. A seguir, o patologista fará o exame de uma parte que foi congelada e, se o resultado for negativo, ótimo, paramos por aí. Se acusar positivo e for um melanoma, removemos o nódulo mais suspeito e, se necessário, fazemos uma ressecção múltipla do nódulo. Não é preciso hospitalização, é tudo feito no centro cirúrgico. Tenho a certeza de que não será preciso enxerto de tecido e você perde, no máximo, um dia de trabalho. Mas vai sentir um incómodo durante uns dias no local da cirurgia. Não há mais que dizer, até conhecermos o resultado da biopsia. De acordo? A minha enfermeira liga-lhe mais tarde dando-lhe todos os detalhes quanto à hora, local e cuidados preparatórios. Está bem?

Julius concordou. Levantaram-se os dois.

— Desculpe, gostaria de o poupar a tudo isto, mas não posso — disse Bob, entregando-lhe um folheto. — Sei que não quer, mas dou sempre mais informações aos pacientes nesta situação. Alguns sentem-se seguros, outros preferem não saber e atiram o folheto fora quando saem do consultório. Depende da pessoa. Espero que, após a cirurgia, lhe possa dizer algo mais animador.

Mas não houve mais nada animador; as notícias posteriores foram ainda piores. Três dias após a biopsia, encontraram-se outra vez. — Quer ler isto? — perguntou Bob, com o diagnóstico final do patologista na

mão. Como Julius não quis, Bob deu uma outra vista de olhos ao papel e disse: — Certo, vamos pôr isto de lado. Preciso de lhe dizer que as notícias não são boas. É um melanoma com diversas, como dizer, características de realce: é profundo, cerca de quatro milímetros, ulcerado e com cinco nódulos positivos.

— O que significa isso? Vamos, Bob, deixe-se de rodeios. «De realce», quatro milímetros, ulcerado, cinco nódulos? Seja claro, fale-me como se eu fosse um leigo na matéria.

— Significa más notícias. É um melanoma de tamanho considerável e espalhou-se pelos nódulos. O perigo está em espalhar-se mais, o que só saberemos depois da tomografia computadorizada que marquei para amanhã, às oito.

Dois dias depois, continuaram a conversa. Bob informou-o de que a tomografia deu negativo, não havia provas de que o melanoma se tivesse espalhado por qualquer outra parte do corpo. Essa foi a primeira boa notícia. — Mesmo assim, Julius, este melanoma é grave.

— Grave até que ponto? Do que é que estamos a falar? Qual é o índice de sobrevivência? — perguntou Julius, com a voz a falhar.

— O Julius sabe que só podemos responder em termos de estatística. As pessoas são todas diferentes. Mas para um melanoma ulcerado, de quatro milímetros de profundidade, cinco nódulos, as estatísticas apontam para uma sobrevivência de menos de vinte e cinco por cento.

Julius ficou vários minutos com a cabeça caída, o coração a bater pesadamente, lágrimas nos olhos, antes de pedir: — Pode continuar. Está a ser objectivo. Preciso de saber o que dizer aos meus pacientes. Como vai progredir a doença? O que vai acontecer?

— É impossível precisar, pois nada mais lhe vai acontecer até que o melanoma apareça noutra parte do corpo. Se isso acontecer, principalmente se houver metástase, o processo pode ser rápido, talvez semanas ou meses. Quanto aos seus pacientes, é duro de dizer, mas seria razoável pensar que vai ter mais um ano de saúde.

Julius assentiu lentamente, de cabeça baixa.

— Onde está a sua família, Julius? Não devia ter vindo cá com alguém?

— Acho que sabe que a minha mulher faleceu há dez anos. O meu filho mora na costa leste e a minha filha, em Santa Bárbara. Ainda não lhes disse nada, achei que não valia a pena complicar-lhes a vida sem

necessidade. De qualquer maneira, sou do género de encarar as tristezas sozinho, mas tenho a certeza de que a minha filha virá assim que eu lhe contar.

— Julius, lastimo ser obrigado a dizer-lhe tudo isto. Quero terminar com uma pequena boa notícia. Há muita investigação a ser feita, talvez uma dúzia de laboratórios de investigação muito eficientes a trabalhar, cá e no estrangeiro. Por motivos desconhecidos, nos últimos dez anos a incidência de melanomas aumentou, quase duplicou, por isso há muita investigação nessa área. Em breve deve aparecer uma cura.

Julius passou a semana num torpor. A filha, Evelyn, professora de humanidades, cancelou as aulas e veio imediatamente passar vários dias com ele. Julius conversou muito com ela, com o filho, com a irmã, o irmão e os amigos íntimos. Passou a acordar assustado às três da manhã, gritando e com falta de ar. Cancelou as consultas de doentes individuais e do grupo de terapia por duas semanas e passou horas a pensar em como e quando lhes ia dar a notícia.

O espelho dizia-lhe que não parecia um homem que tinha chegado ao fim da vida. Os seus nove quilómetros diários de corrida mantiveram o corpo jovem e com elasticidade, sem qualquer gordura. Havia rugas em volta dos olhos e da boca, mas não muitas; o pai morreu sem nenhuma. Tinha olhos verdes, dos quais sempre se orgulhou. Olhos firmes e sinceros, nos quais se podia confiar e que conseguiam encarar qualquer pessoa. Olhos jovens, do Julius de dezasseis anos. O homem que ia morrer e o rapaz de dezasseis anos viam-se no espelho fora as décadas.

Olhou para a boca. Lábios carnudos e simpáticos que, mesmo naquele momento de desespero, estavam prontos a dar um sorriso caloroso. A cabeça estava coberta de cabelos negros e rebeldes, a ficar grisalhos apenas nas têmporas. Quando era adolescente no Bronx, o velho barbeiro anti-semita de cabelos grisalhos e cara vermelha, que ficava entre a loja de doces de Meyer e o talho de Morris, gozava com os cabelos rebeldes quando os puxava com um pente de metal e os cortava rente. E agora Meyer, Morris e o barbeiro estavam mortos e o jovem Julius de dezasseis anos estava na lista de espera da morte.

Uma tarde, tentou controlar um pouco o problema lendo a literatura sobre melanomas na biblioteca da Faculdade de Medicina, mas

não adiantou, foi inútil: fez com que as coisas ficassem mais horrendas. Quando se apercebeu do verdadeiro horror que era a sua doença, passou a pensar no melanoma como um animal voraz, cravando as garras negras na sua carne. Era incrível pensar que, de repente, ele já não era a forma superior de vida. Pelo contrário, era comida, alimento para um organismo com células devoradoras que se multiplicavam com enorme rapidez, um organismo que atacava e anexava os protoplasmas próximos e que, naquele momento, estava a preparar bandos de células para entrarem na corrente sanguínea e invadirem órgãos distantes, talvez o seu silencioso e indestrutível fígado, os seus esponjosos e labirínticos pulmões.

Julius pôs de lado a leitura. Tinha passado mais de uma semana e precisava de seguir em frente. Ver o que estava realmente a acontecer. — Senta-te, Julius — ordenou para si mesmo. — Senta-te e pensa na morte. — Fechou os olhos.

Quer dizer que finalmente a morte entrou em cena, pensou. Mas não foi uma entrada banal: o pano fora aberto por um dermatologista gorducho, com nariz de pepino, lupa na mão e bata branca de hospital, com o nome bordado à mão em letras azul-escuras no bolso do peito.

E a cena final, como seria? Tinha todas as possibilidades de ser também banal. O figurino dele seria o amachucado pijama às riscas dos New York Yankees, com o número cinco do jogador DiMaggio nas costas. O cenário? A mesma cama grande na qual dormia há trinta anos, roupas empilhadas na cadeira ao lado e, na mesa-de-cabeceira, um monte de romances que ignoravam que jamais seriam lidos. Um final frustrante, choramingas. *Certamente*, pensou, *a gloriosa aventura da sua vida merecia algo mais... mais... mais o quê?*

Lembrou-se de uma cena que viu alguns meses antes, nas férias passadas no Havai. Ao fazer uma longa caminhada, chegou por acaso a um grande centro de meditação budista e viu uma jovem andando num labirinto circular feito com pequenas pedras de lava. Ao chegar ao centro do labirinto, a jovem parou e ficou a meditar de pé. A reacção imediata de Julius a esse tipo de ritual religioso não era muito complacente; costumava ficar entre a zombaria e a repulsa.

Mas agora, ao pensar na jovem a meditar, sentiu algo mais terno, uma onda de compaixão por ela e por todos os demais humanos que eram vítimas daquela excêntrica reviravolta da evolução que permite ter consciência de si mesmo, mas não as ferramentas psicológicas neces-

sárias para lidar com a dor da existência transitória. E assim, por anos, séculos e milénios fora, construímos sem parar negações paliativas da finitude. Será que nós, será que algum de nós, jamais deixaremos de procurar um poder superior no qual nos possamos fundir e existir para sempre, deixar de querer manuais de instruções dados por um deus, de querer um desígnio maior, de procurar rituais e cerimónias?

Apesar disso, considerando que o seu nome estava na lista da morte, Julius pensou que uma cerimónia discreta não seria má ideia. Afastou a ideia como se esta queimasse, já que durante toda a vida fora profundamente contra rituais. Sempre detestou as formas que as religiões usam para tirar a razão e a liberdade dos seus seguidores: os trajes cerimoniais, o incenso, os livros sagrados, os cantos gregorianos com o seu som hipnótico, os tapetes para ajoelhar, os mantos e solidéus, as mitras e os bastões dos bispos, as hóstias e os vinhos bentos, as cabeças a abanar e os corpos a balançar ao ritmo de velhas cantilenas. Considerava tudo isso uma parafernália da mais poderosa e duradoura vigarice, que fortalecia os líderes e satisfazia o desejo de submissão da comunidade.

Mas naquela altura, com a morte ao lado, Julius notou que a sua veemência perdera a força. Talvez apenas não gostasse do ritual *imposto*. Talvez fosse possível elogiar uma cerimónia discreta e criativa. Ficou sensibilizado com a cena que os jornais descreveram dos bombeiros no local do atentado ao World Trade Center, em Nova Iorque, todos de pé, tirando os capacetes em homenagem aos mortos, à medida que os corpos eram trazidos à superfície. Não havia nada de errado em homenagear os mortos, não, os mortos não, mas a vida daqueles que morreram. Ou seria algo mais do que homenagear, mais do que santificar? O gesto, o ritual dos bombeiros, não tinha também um sentido de ligação? Reconhecendo que estavam ligados, que formavam uma unidade com cada uma das vítimas?

Dias após a fatídica consulta no dermatologista, Julius sentiu um sabor de ligação, ao encontrar o seu grupo de apoio formado por colegas médicos. Todos ficaram pasmados quando lhes contou aquilo do melanoma. Depois de o incentivarem a falar, cada um demonstrou o seu choque e tristeza, Julius não conseguiu dizer mais nada, nem ninguém. Por duas vezes, alguém começou a falar e parou, depois foi como se o grupo concordasse tacitamente que as palavras eram desnecessárias. Nos vinte minutos finais, ficaram todos em silêncio. Esses silêncios prolongados

em grupo costumam ser estranhos, mas aquele foi diferente, quase consolador. Julius não conseguia admitir, ainda que para si mesmo, que o silêncio parecia *sagrado*. Mais tarde, achou que as pessoas estavam a demonstrar não só tristeza mas também a tirar os seus capacetes, atentos, participando e homenageando a vida dele.

E talvez fosse uma forma de homenagear a vida deles mesmos, pensou Julius. O que mais temos? O que mais senão aquele abençoado e milagroso intervalo de ser e estar consciente? Se algo deve ser homenageado e abençoado, deveria ser apenas isso, a incalculável dádiva do mero existir. Viver desesperado porque a vida acaba ou porque não tem outra finalidade maior ou desígnio intrínseco é pura ingratidão. Pensar num criador onisciente e dedicar a vida a um ajoelhar-se sem fim parece não ter sentido. Além de um desperdício: porquê todo este amor a um fantasma, quando há tão pouco amor em volta da Terra? É melhor aceitar a sugestão de Einstein e Spinoza: inclinar apenas a cabeça e tocar no chapéu para as elegantes leis e os mistérios da natureza, mas tratar de viver.

Essas ideias não eram novas para Julius. Ele sempre soube da finitude e da evanescência da consciência. Mas há saber e *saber*. Não que tivesse ficado mais sábio, mas a falta de outras coisas — ambição, desejo de sexo, dinheiro, prestígio, aplausos, publicidade — proporcionava uma visão mais pura. Não foi esse desprendimento a verdade pregada por Buda? Talvez fosse, mas ele preferia o caminho dos gregos: tudo pela moderação. Grande parte da graça da vida perde-se se nunca tirarmos os nossos mecanismos de protecção e partilharmos a alegria. Porquê correr para a porta de saída antes da hora de fecho?

* * *

Alguns dias depois, quando se sentiu mais calmo, com menos ondas de pânico, começou a pensar no futuro. Bob King dissera: «Um ano, seria razoável pensar em pelo menos um ano de boa saúde.» Mas como passar esse ano? Julius decidiu que a maneira era não deixar que aquele único ano fosse mau por ser apenas um.

Certa noite, sem conseguir dormir e precisando de se animar um pouco, foi remexer nos livros da biblioteca. Não encontrou nada na sua área que pudesse, mesmo remotamente, aliviar a situação, nada que dissesse como deveria viver uma pessoa, ou encontrar sentido nos dias de

vida que lhe restam. Viu então um exemplar bastante manuseado de *Assim Falou Zaratustra*, de Nietzsche. Conhecia bem aquele livro: décadas antes, tinha-o estudado muito, quando escrevia um livro sobre a grande, mas não reconhecida, influência de Nietzsche sobre Freud. Considerava *Zaratustra* um livro corajoso, que, mais que qualquer outro, ensina como reverenciar e celebrar a vida. Sim, podia ser a resposta. Ansioso de mais para ler com método, percorreu as páginas aleatoriamente e leu algumas linhas que estavam sublinhadas.

«Mudar “foi assim” para “eu quis assim” é o que chamo redenção.»

Entendeu que as palavras de Nietzsche significavam que era preciso escolher a sua vida — tinha de usufruir dela em vez de ser «usufruído» por ela. Por outras palavras, tinha de amar o seu destino. E, acima de tudo, havia a pergunta que Zaratustra fazia sempre — se gostaríamos de repetir a mesma vida eternamente. Uma ideia curiosa e, quanto mais Julius pensava nela, mais seguro se sentia: a mensagem de Nietzsche para nós era viver de forma a querer sempre a mesma vida.

Continuou folheando as páginas e deteve-se em dois trechos sublinhados a tinta cor-de-rosa. «Completa a tua vida.» «Morre na altura certa.»

Isso mesmo. Vive o melhor possível e, só então, morre. Não deixes nada por viver. Julius costumava comparar as ideias de Nietzsche a um teste de Rorschach, pois tinham tantos pontos de vista opostos que a conclusão dependia de quem lesse — ou, no teste, de quem olhasse. Naquele instante, leu de uma forma bastante diferente. A presença da morte incitava a uma leitura diferente e mais ampla: página após página, ele apercebeu-se de uma ligação panteísta que não tinha visto antes. Por mais que Zaratustra exaltasse, glorificasse até, a solidão, por mais que exigisse o isolamento para poder pensar, ainda assim, estava preocupado em amar e exaltar os outros, em os ajudar a aperfeiçoar-se e exceder-se, em partilhar com eles a sua maturidade. *Partilhar a sua maturidade, isso era com ele*, pensou Julius.

Colocou o livro de novo na estante, sentou-se às escuras e ficou a olhar para os faróis dos carros que atravessavam a Ponte Golden Gate, pensando nas palavras de Nietzsche. Passados alguns minutos, conseguiu: descobriu o que fazer e como passar o seu último ano de vida. *Iria viver exactamente da mesma maneira que no anterior e no antes do anterior*. Gostava de ser terapeuta, gostava de se ligar a outras pessoas e de

trazer algo à vida. Talvez o seu trabalho fosse uma sublimação da ligação que tinha com a mulher. Talvez precisasse dos aplausos, da ratificação e da gratidão daqueles a quem ajudava. Mesmo assim, mesmo havendo motivos latentes, estava grato pelo trabalho que tinha. Abençoado!

Julius foi até à parede dos arquivos, abriu uma gaveta cheia de fichas e de transcrições de sessões gravadas há vários anos com doentes. Olhou para os nomes: cada ficha era um monumento a um pungente drama humano que um dia se desenrolara naquela mesma sala. Enquanto olhava para as folhas, a maior parte dos rostos veio-lhe imediatamente à memória. Alguns rostos desapareceram, mas, após ler poucos parágrafos das anotações, também voltavam. Outros foram realmente esquecidos, rostos e histórias perdidos para sempre.

Como a maioria dos terapeutas, Julius tinha dificuldade em lidar com os repetidos ataques ao campo da terapia. Os ataques vinham de várias direcções: de empresas farmacêuticas e de seguros de saúde que financiavam pesquisas superficiais para provar a importância das drogas e das terapias mais curtas; ataques dos meios de comunicação, que não se cansavam de ridicularizar os terapeutas; dos behavioristas; dos milhares de oradores sobre motivação; das hordas de curandeiros e de seitas da Nova Era, competindo todos para cativar quem tem algum problema. E, claro, havia dúvidas que vinham da própria medicina, como as suscitadas pelas incríveis descobertas neurobiológicas sobre moléculas, relatadas cada vez com maior frequência e fazendo até os terapeutas mais experientes questionarem a importância do seu trabalho.

Julius não era imune a esses ataques e muitas vezes duvidava da eficácia do tratamento que oferecia. *Claro* que era um psicanalista eficiente. *Claro* que ele oferecia algo de valor para a maior parte dos seus pacientes, talvez até para todos. Mas a dúvida continuava: *Será que foste realmente, verdadeiramente, útil aos teus pacientes? Talvez só tenhas ajudado os que iam melhorar de qualquer maneira.*

Não. Errado! Não fui eu que aceitei os maiores desafios?

Brrrr, já chega! Qual foi a última vez que realmente te esforçaste, que chegaste a um flagrante limite no tratamento? Ou enfrentaste um caso de esquizofrenia bipolar?

Continuou a mexer em velhas fichas e surpreendeu-se com a quan-

tidade de informação pós-terapia que tinha, obtida através de eventuais contactos depois da análise terminada, consultas de reciclagem, encontros casuais com ex-pacientes ou recados trazidos por novos pacientes, indicados pelos antigos. Mesmo assim, será que ele teria originado uma grande diferença naquelas pessoas? Talvez os resultados fossem evanescentes. Talvez muitos dos seus pacientes bem-sucedidos tivessem tido uma recaída e não lhe tivessem contado por pura bondade.

Tinha também consciência dos seus fracassos com as pessoas que não estavam preparadas para o seu avançado estilo de tratamento. *Espera aí, Julius*, pensou ele. *Como sabes que foram realmente fracassos? Fracassos para sempre? Nunca mais viste os pacientes. Toda a gente sabe que muitas pessoas amadurecem tarde.*

Bateu com os olhos na pilha de fichas de Philip Slate. *Por falar em fracassos*, pensou, *este foi um*. Fracasso antigo e de dimensão razoável. Philip Slate. Fora há mais de vinte anos, mas a imagem dele continuava nítida. Os cabelos castanho-claros penteados para trás, o nariz fino e elegante, as maçãs salientes que lhe davam um toque de nobreza ao rosto, e aqueles agitados olhos verdes que lembravam o mar das Caraíbas. Pensou em quanto detestava tudo nas sessões com Philip. Excepto uma coisa: o prazer de olhar para aquele rosto.

Philip Slate era tão alienado de si mesmo que nunca pensou olhar para dentro, preferindo surfar na superfície da vida e dedicar toda a sua energia ao sexo. Graças à sua bela estampa, não lhe faltavam parceiras. Julius abanou a cabeça ao passar os olhos pela ficha de Philip: três anos de tratamento, todo aquele envolvimento, apoio e afecto, todas aquelas interpretações sem uma gota de progresso. Incrível! Talvez ele não fosse o psiquiatra que pensava ser.

Bem, não tires conclusões, pensou. Porque faria Philip um tratamento de três anos, se não recebesse nada? Porque continuaria a gastar todo aquele dinheiro por nada? E Deus sabe que Philip detestava gastar dinheiro. Talvez as sessões tivessem mudado Philip. Talvez fosse uma pessoa que amadurece tarde, um daqueles pacientes que precisam de tempo para digerir o alimento dado pelo analista, daqueles que guardam a boa comida do terapeuta e a levam para casa, como um cão que esconde um osso para roer depois, sozinho.

Depois de ter pensado em Philip Slate, Julius já não o conseguiu tirar da cabeça. Era como se Philip tivesse cavado um buraco e criado raízes

lá dentro. Exactamente igual ao melanoma. O seu fracasso com Philip transformou-se no símbolo de todos os fracassos na terapia. O caso de Philip tinha qualquer coisa de peculiar. Onde ia ele arranjar aquela força? Olhou para a ficha e leu a primeira anotação, feita vinte e cinco anos antes.

PHILIP SLATE — 11 de Dezembro de 1980

Vinte e seis anos, solteiro, branco, químico, trabalha na DuPont — cria novas fórmulas de pesticidas —, muito bonito, veste-se em estilo casual mas sofisticado, formal, senta-se direito, poucos gestos, não demonstra sentimentos, sério, ausência de humor, não ri nem sorri, só negócios, nenhuma relação social relatada. Recomendado pelo médico dele, Dr. Wood.

MAIOR QUEIXA: «Sou dominado, contra a minha vontade, por impulsos sexuais.»

Porque resolveu tratar-se agora? A gota de água foi há uma semana, facto relatado como se fosse decorado.

«Cheguei de avião a Chicago para uma reunião de trabalho, saí do avião, procurei o primeiro telefone e consultei a minha lista de mulheres na cidade com quem pudesse ter relações sexuais nessa noite. Estava com pouca sorte! Tinham todas compromissos. Claro: era sexta-feira à tarde. Eu sabia que ia a Chicago, podia ter telefonado antes, semanas antes, até. Depois de falar com o último nome da agenda, desliguei e pensei: “Ótimo, assim posso dormir bem, que era o que realmente queria fazer.”»

Paciente diz que ficou toda a semana assustado com aquela frase, aquela contradição: «O que realmente queria fazer», que é o motivo específico para procurar tratamento. «É o que quero ver na terapia», diz ele. «Doutor Hertzfeld, se o que realmente quero é dormir bem, porque não posso, não o consigo fazer?»

Aos poucos, Julius lembrou-se de mais detalhes da análise de Philip Slate. Tinha ficado intelectualmente intrigado com o paciente. Na época da primeira consulta, Julius estava a escrever um livro sobre análise

e vontade, e a pergunta de Philip — «Porque não consigo fazer o que realmente quero?» — era uma ótima abertura para o texto. Além do mais, lembrou-se da incrível imutabilidade de Philip: após três anos de tratamento, parecia não ter sido afectado, nem ter mudado nada. E estava mais dominado pelo sexo que nunca.

Que fim teria tido Philip Slate? Não teve mais notícias desde que o paciente interrompeu de repente o tratamento, há vinte e dois anos. Mais uma vez, Julius perguntou-se se, sem saber, teria sido útil a Philip. Subitamente, precisou de saber isso, parecia uma questão de vida ou morte. Pegou no telefone e marcou «informações de números de telefone».

Êxtase no acto da cópula. É isso! É essa a verdadeira essência e cerne de tudo, a meta e a finalidade de toda a existência.

CAPÍTULO 2

— **E**stá? É Philip Slate?
— Sim, é ele.
— Daqui fala o doutor Hertzfeld. Julius Hertzfeld.
— Julius Hertzfeld?
— Uma voz do seu passado.
— Passado distante. Período Plistoceno. Julius Hertzfeld. Incrível, quantos anos devem ter passado? No mínimo, vinte. E a que devo o seu telefonema?
— Bem, Philip, estou a ligar-lhe por causa de um pagamento. Acho que ficou a dever-me a última sessão.
— Como? A última sessão? Mas tenho a certeza de que...
— Estou a brincar, Philip. Desculpe, há coisas que não mudam, aqui este velho continua animado e irreprimível. Agora vou falar a sério. Resumindo, estou a ligar-lhe porque estou com problemas de saúde e penso reformar-me. Enquanto amadurecia esta ideia, fui tendo uma necessidade irresistível de encontrar alguns ex-pacientes, só para acompanhar os casos, satisfazer a minha curiosidade. Posso explicar-lhe melhor depois, se quiser. Então pergunto: poder-se-ia encontrar comigo? Conversar durante uma hora? Rever o nosso tratamento e dizer-me o que tem feito? Será interessante para mim e vai ajudar-me. Quem sabe? Talvez também o seja para si.

— Hum, uma hora. Porque não? Suponho que sem cobrar?

— Sim, a não ser que seja o Philip a querer cobrar, estou a pedir-lhe o seu tempo. Pode ser no final desta semana? Digamos, na sexta à tarde?

— Sexta? Ótimo. Combinado. Concedo-lhe uma hora, às treze. Não precisa de pagar, mas desta vez vamos encontrar-nos no meu consultório. Fica na Union Street, 431, perto da Franklin. Procure o número do consultório no quadro da portaria, estou em Doutor Slate. Agora também sou terapeuta.

Julius sentiu um arrepio ao desligar o telefone. Girou a cadeira e esticou o pescoço para dar uma olhadela à Ponte Golden Gate. Depois daquela chamada, precisava de ver alguma coisa bonita. E de sentir um pouco de calor nas mãos. Encheu de tabaco *Balkan Sobranie* o seu cachimbo de espuma do mar, acendeu um fósforo e tragou. *Ah, que delícia*, pensou Julius, aquele sabor cáldo de terra no fumo da Latakia, aquele delicioso cheiro a mel não tinha igual no mundo. É difícil de acreditar que não fumava há tantos anos. Entrou num devaneio e pensou no dia em que deixou de fumar. Devia ter sido logo a seguir àquela consulta no dentista, seu vizinho de consultórios, o velho Dr. Denboer, que morreu há vinte anos. Vinte anos, será possível? Julius ainda era capaz de ver muito bem a cara comprida do holandês e os óculos de aros ondulados. O velho Dr. Denboer estava debaixo da terra há vinte anos. E ele, Julius, continuava cá em cima. Por enquanto.

— Essa bolha no céu-da-boca parece ser um problema qualquer. Vamos precisar de uma biopsia — disse o Dr. Denboer, abanando ao de leve a cabeça. E, embora o resultado da biopsia fosse negativo, chamou a atenção de Julius, porque na mesma semana fora ao enterro de Al, o seu velho parceiro de ténis, tabagista, morto pelo cancro de pulmão. Também influiu o facto de estar a ler *Freud, Vida e Morte*, de Max Schur, médico de Freud, que contava como o cancro, causado por fumar charuto, devorou aos poucos o palato, o maxilar e, finalmente, a vida de Freud. O médico prometeu ajudar Freud a morrer quando chegasse a hora e, no dia em que finalmente Freud disse que tinha tantas dores que já não fazia sentido continuar a viver, Schur mostrou ser homem de palavra. Aplicou-lhe uma dose fatal de morfina. Aquilo é que era um médico. Hoje, onde é que se vai encontrar um Dr. Schur?

Mais de vinte anos sem fumar e também sem comer ovos, queijos ou gorduras animais. Abstinência com saúde e alegria. Até ao dia daquele maldito exame clínico. Agora, podia tudo: fumar, comer sorvetes, comer costeletas de porco, ovos, queijo, tudo. Que diferença fazia? Que diferença fazia qualquer coisa? Dentro de um ano, Julius Hertzfeld estaria enterrado, as moléculas dispersas, à espera da próxima tarefa. E mais cedo ou mais tarde, dentro de alguns milhões de anos, todo o sistema solar estaria acabado.

Sentindo que a cortina do desespero estava a começar a descer, Julius começou a pensar no telefonema a Philip Slate. Philip, terapeuta? Como era possível? Lembrava-se dele como um homem frio, insensível, indiferente aos outros. A julgar pelo telefonema, continuava o mesmo. Julius segurou o cachimbo e abanou a cabeça em silenciosa surpresa, enquanto abria a ficha de Philip e continuava a ler as anotações transcritas da primeira sessão.

PROBLEMA ACTUAL: Dominado pelo sexo desde os treze anos — masturbação compulsiva da adolescência até hoje (às vezes, quatro a cinco vezes por dia), obcecado por sexo, masturba-se para se acalmar. Passou a maior parte da vida fixado em sexo: «No tempo que gastei a correr atrás de mulheres, poderia ter feito doutoramentos em filosofia, chinês em dialecto mandarim e astrofísica.»

RELACIONAMENTOS: Solitário. Mora com um cão numa casa pequena. Nem contacto com conhecidos do passado, do colégio, da faculdade, do doutoramento. Muito isolado. Nunca teve um relacionamento duradouro com uma mulher. Evita relações que durem (prefere sair uma só noite). Às vezes chega a ver uma mulher durante um mês — em geral, a mulher termina, porque quer mais dele ou se irrita por estar a ser usada ou porque ele arranja outras. Deseja novidade (gosta da caçada sexual), mas nunca se sacia. Às vezes, quando viaja, atrai uma mulher, faz sexo, livra-se dela e uma hora depois sai do hotel à caça, outra vez. Mantém registo das parceiras que teve; nos últimos doze meses fez sexo com noventa mulheres. Diz tudo isto sem qualquer emoção — nem vergonha,

nem vanglória. Fica ansioso se não tem um encontro à noite. Sexo costuma fazer o efeito de um Valium. Depois do sexo, fica calmo o resto da noite e pode ler tranquilamente. Sem actividades ou fantasias homossexuais.

COMO É UMA NOITE TÍPICA? Sai cedo, atrai uma mulher num bar, vai para a cama (prefere antes de jantar), livra-se da mulher o mais rápido possível, sem ter de lhe pagar o jantar, mas em geral acaba por ser obrigado. Importante ter o máximo tempo possível para ler antes de adormecer. Não vê televisão, não vai ao cinema, não tem vida social, não pratica desporto. O único lazer é ler e ouvir música clássica. Leitor voraz dos clássicos, História e Filosofia; nada de ficção, nada actual. Queria falar nos filósofos Zeno e Aristarco, seus actuais interesses.

PASSADO: Nasceu em Connecticut, filho único, classe média-alta. Pai banqueiro que se suicidou quando Philip tinha treze anos. Não sabe das circunstâncias ou dos motivos do suicídio, vaga ideia de que o pai piorou com as críticas contínuas da mãe. Amnésia da infância — lembra-se pouco dos primeiros anos e nada do funeral do pai. Mãe casou-se de novo quando ele tinha vinte e quatro anos. Solitário na escola, estudioso fanático, nunca teve amigos chegados e depois de entrar para Yale, aos dezassete anos, afastou-se da família. Fala com a mãe pelo telefone uma ou duas vezes por ano. Não conhece o padrasto.

TRABALHO: Químico de sucesso — criou novos pesticidas à base de hormonas, para a DuPont. Trabalha das oito às dezassete, sem grande interesse pela área. De há uns tempos para cá tem-se aborrecido. Mantém-se informado das investigações na sua área, mas só dentro do horário de trabalho. Alto salário e possui acções na bolsa de valores. Retentivo, gosta de verificar as aplicações e controlar os investimentos, almoça sempre sozinho, estudando os movimentos das bolsas.

IMPRESSÃO: Esquizóide, compulsivo sexual — muito distante / não olhou para mim / impressão de nada pessoal entre nós —, não demonstra relacionamentos pessoais. Respondeu à pergunta sobre que impressão teve de mim com cara de surpresa, como se estivesse a falar catalão ou suaíli. Parecia irritado e fiquei pouco à vontade com ele. Sem qualquer senso de humor. Nada. Muito inteligente, articulado, mas de poucas palavras — faz-me trabalhar a sério. Muito preocupado com o preço do tratamento (embora possa pagar sem problemas). Pediu desconto no preço, recusei. Pareceu insatisfeito por eu recusar começar com um pouco de atraso; perguntou logo se podia compensar o atraso no final da sessão, para não ter prejuízo. Perguntou por duas vezes com que antecedência tinha de cancelar uma sessão para não precisar de a pagar.

Fechando a pasta, Julius pensou: *Agora, vinte e cinco anos depois, Philip é terapeuta. Existe alguém no mundo menos adequado para esse trabalho? Ele parece o mesmo: sem sentido de humor, preocupado com o dinheiro (se calhar eu não devia ter tido aquela brincadeira da falta de pagamento). Um terapeuta sem sentido de humor? E uma pessoa tão fria... E aquela exigência de marcar o encontro no consultório dele. Julius sentiu outro arrepio.*

A vida é uma coisa miserável.
Decidi passar a vida a pensar nisso.

CAPÍTULO 3

A Union Street estava ensolarada e animada. O tilintar dos talheres e o som alegre das conversas do almoço vinha das mesas apertadas das esplanadas dos restaurantes (Prego, Betelnut, Exotic Pizza e Perry's). Balões azuis e vermelhos amarrados aos parquímetros avisavam da liquidação de fim-de-semana no passeio. Enquanto ia para o consultório de Philip, Julius mal olhou para as pessoas a almoçar, nem para as tendas com pilhas de roupa de marca do Verão. Também não olhou para nenhuma das suas montras preferidas, a loja de móveis japoneses antigos e a loja tibetana Asian Treasures, com o alegre telhado colorido do século XVIII mostrando uma incrível mulher guerreira, que ele jamais deixara de admirar quando passava por lá.

Também não pensou na morte. As dúvidas em relação a Philip Slate fizeram com que não pensasse naquelas coisas inquietantes. Primeiro, a dúvida em relação à própria memória: como conseguiu lembrar-se de Philip com tanta clareza? Onde ficaram escondidos o rosto, o nome e a história de Philip durante todos aqueles anos? Era difícil acreditar que a lembrança de toda a sua relação com Philip era um processo neuroquímico localizado nalgum ponto do córtex cerebral. Era provável que o paciente estivesse numa intrincada rede «Philip» de neurónios concentrados que, quando accionados pelos neurotransmissores certos, entra-

vam em acção e projectavam uma imagem de Philip num ecrã no seu córtex visual. Achou incrível pensar que tinha um pequeníssimo robô projeccionista dentro do cérebro.

Mais intrigante ainda era o enigma de querer encontrar Philip. De todos os antigos pacientes, porque escolhera aquele para levantar todo o seu arquivo de memória? Seria apenas porque o tratamento fora tão malsucedido? Certamente era mais que isso. Afinal, havia muitos outros pacientes que não conseguira ajudar. Mas quase todos os rostos e nomes dos fracassados tinham desaparecido sem deixar vestígios. Talvez porque a maioria dos fracassos tivesse deixado logo o tratamento. Philip era um fracasso incomum, que tinha insistido. Bolas, como insistiu! Em três frustrantes anos, nunca faltou a uma sessão. Nunca chegou um minuto atrasado, era caro de mais para se desperdiçar. Até que um dia, sem aviso prévio, anunciou de forma simples e definitiva, no fim da sessão, que aquela era a última.

Mesmo quando Philip interrompeu a análise, Julius ainda o considerou tratável, mas sempre achou que toda a gente o era. Porque fracassou? Philip tencionara resolver os seus problemas, era desafiador, inteligente, com cabeça para pensar. Embora Julius raramente aceitasse um paciente do qual não gostasse, não havia nada de pessoal em não gostar de Philip: ninguém gostaria dele. Bastava lembrar que nunca tivera amigos.

Embora pudesse não gostar de Philip, adorava o enigma intelectual que representava. A sua maior reclamação («Porque não posso fazer o que realmente quero?») era um óptimo exemplo de paralisia da vontade. O tratamento podia não ter sido útil, porém foi muito bom para os textos de Julius, teve muitas ideias a partir das sessões usadas no seu elogiado artigo «O terapeuta e a vontade», e no livro *Desejar, Querer e Agir*. Achou de repente que talvez tivesse explorado Philip. Talvez naquele momento, na posse de um senso de maior ligação, pudesse redimir-se, pudesse conseguir o que não conseguira antes.

O número 431 de Union Street era um modesto prédio de esquina, de dois andares, com tijolos de imitação. No alpendre, Julius viu o nome afixado na parede: «Philip Slate, ph.D., Orientação Filosófica». Orientação filosófica? Que diabo seria aquilo? Daqui a pouco, ironizou Julius, teremos barbeiros a oferecer terapia «tonorial» e vendedores de verduras a anunciar aconselhamento «verdural» e «leguminal». Subiu as escadas e tocou à campainha.

Soou um besouro enquanto o trinco da porta se abria com um clique, e Julius entrou para uma saleta de espera de paredes nuas, com apenas um sofá de vinil preto de dois lugares, pouco convidativo. Philip estava à porta do consultório propriamente dito e, sem se aproximar, fez sinal a Julius para entrar. Não estendeu a mão para o cumprimentar.

Julius comparou Philip à imagem que tinha na memória. Combinavam bastante. Não mudara muito nos últimos vinte e cinco anos, excepto por algumas rugas e uma certa flacidez no pescoço. O cabelo castanho-claro continuava penteado para trás, os olhos verdes ainda eram profundos, ainda arredios. Julius lembrava-se de que raras vezes os seus olhos se tinham encontrado com os de Philip, em todos aqueles anos juntos. Philip lembrava um daqueles colegas muito arrogantes que passavam a aula toda sem tirar apontamentos, enquanto ele e todos os outros queriam apanhar tudo o que pudesse aparecer depois num exame.

Ao entrar no consultório, Julius pensou dizer uma piada sobre aqueles móveis espartanos: uma mesa usada e atulhada de coisas, duas cadeiras desirmanadas, com cara de desconfortáveis, uma parede enfeitada só com um diploma. Mas pensou melhor, sentou-se, empertigado, na cadeira que Philip lhe indicou e aguardou o seu comando.

— Bom, quanto tempo. Muito tempo — Philip falava com voz formal, profissional, e não demonstrou nervosismo ao liderar a entrevista e assim trocar de papel com o seu antigo terapeuta.

— Vinte e dois anos. Consultei os meus arquivos.

— E qual o motivo para me procurar, doutor Hertzfeld?

— Quer dizer que não vamos ter dois dedos de conversa antes? — perguntou Julius, ao mesmo tempo que pensou, *não, esquece!*, lembrando-se de que Philip não tinha senso de humor.

Philip parecia não se ter perturbado. — Essa é uma técnica elementar de entrevistas, doutor Hertzfeld. O senhor sabe como é. Dar as coordenadas. Já marcámos dia e local (aliás, a minha sessão é de sessenta minutos, não os cinquenta habituais) e o preço, no caso, a ausência de cobrança. Assim, o próximo passo é a meta. Estou a tentar colocar-me à sua disposição, doutor Hertzfeld, para que a sessão seja o mais eficiente possível para o senhor.

— Certo, Philip. Agradeço. A pergunta que fez, «porquê agora?», é

sempre boa, uso-a sempre. Foca a sessão. Vai directo ao assunto. Como lhe disse pelo telefone, estou com problemas de saúde, graves, por isso tive vontade de ver e avaliar o meu trabalho com os pacientes. Talvez seja a idade, a altura de fazer um balanço de vida. Acho que, quando tiver sessenta e cinco anos, vai compreender.

— Quanto ao balanço de vida, tenho de acreditar no que diz. Não percebi bem o motivo por que me quer ver ou a qualquer um dos seus pacientes, nem tenho interesse nisso. Os meus clientes pagam-me uma quantia e eu dou-lhes a minha orientação especializada. A nossa troca termina aí. Quando terminamos, eles sentem que valeu o dinheiro, eu sinto que fiz o melhor que pude. Nem me passa pela cabeça vê-los algum dia, no futuro. Mas estou à sua disposição. Por onde começarmos?

Julius não costumava alongar-se nas entrevistas. Era um dos seus pontos fortes; as pessoas achavam que ele acertava logo. Mas, naquele dia, obrigou-se a ir devagar. Estava pasmado com os modos bruscos de Philip, mas não fora lá para lhe dar conselhos. Queria apenas a versão honesta do trabalho que fizeram juntos e quanto menos Julius comentasse sobre o seu estado psicológico, melhor. Se Philip soubesse do desespero, da procura de sentido, da necessidade que Julius sentia de ter tido algum papel duradouro na vida do outro, poderia, sem ser por pena, dizer exactamente o que Julius queria ouvir. Ou talvez, devido ao seu espírito antagonista, Philip pudesse fazer exactamente o contrário.

— Bom, começo por lhe agradecer a boa vontade em aceitar encontrar-se comigo. O que quero é, primeiro, a sua opinião sobre o nosso trabalho conjunto, como o ajudou ou não. Segundo, e este é um pedido mais difícil, gostaria muito de ter um resumo da sua vida desde a última vez em que nos encontrámos. Gosto de saber o final das histórias.

Se ficou surpreendido com o pedido, Philip não o demonstrou. Calou-se durante alguns minutos, de olhos fechados, apoiando as mãos na ponta dos dedos. Numa voz cuidadosamente medida, começou: — A história ainda não está no fim; na verdade, a minha vida mudou tanto nos últimos anos que é como se estivesse agora a começar. Mas vou fazer uma cronologia a partir da terapia. Garanto-lhe desde já que foi um absoluto fracasso. Uma perda de tempo e de dinheiro. Acho que cumpri o meu papel como paciente. Pelo que me lembro, cooperei bastante, trabalhei muito, não faltei às consultas, paguei, lembrei-me dos sonhos, segui tudo o que disse. Concorda?

— Se concordo que foi um paciente participante? Totalmente. Diria até mais, foi dedicado.

Olhando outra vez para o tecto, Philip concordou e prosseguiu: — Pelo que me lembro, vi-o durante três anos. E grande parte desse tempo, duas vezes por semana. São muitas horas, pelo menos duas mil. Cerca de vinte mil dólares.

Julius quase reagiu. De todas as vezes que um paciente dizia uma coisa daquelas, o reflexo dele era acrescentar: «Um buraco no bolso.» E depois demonstrar que os temas tratados na análise tinham dificultado a vida do paciente durante tanto tempo que não podiam mudar de um momento para o outro. Costumava dar também um dado pessoal: que a sua análise didáctica fora cinco vezes por semana, durante três anos, somando mais de sete mil horas. Mas Philip, naquele momento, não era seu paciente e Julius não estava lá para o convencer de nada. Estava para ouvir. Mordeu o lábio em silêncio.

Philip prosseguiu. — Quando comecei o tratamento consigo, estava no fundo do poço, na sarjeta, para ser mais exacto. Trabalhando como químico e criando novas formas de matar insectos, entediado com a profissão, entediado com a vida e com tudo o resto, excepto com a leitura de Filosofia e a reflexão sobre os grandes enigmas da História. Mas procurei-o por causa do meu problema sexual. Lembra-se disso, não é verdade?

Julius concordou.

— Eu estava descontrolado. Só queria sexo. Estava obcecado. Queria seduzir o maior número possível de mulheres. Após o coito, a compulsão dava-me uma breve trégua, mas depressa o desejo voltava.

Julius reprimiu um sorriso por Philip usar a palavra coito e pensou no estranho paradoxo de ele mergulhar na carne, mas evitar qualquer palavrão.

— Era só nesse curto período, logo após o coito, que conseguia viver plena e harmoniosamente, quando me conseguia concentrar nos grandes pensadores do passado.

— Lembro-me de si com os filósofos Aristarco e Zeno.

— Sim, esses e muitos outros, desde então, mas as tréguas, os espaços não compulsivos, eram curtos de mais. Agora estou livre. Agora estou sempre num plano superior. Mas vou continuar a recapitular a minha análise consigo. Não é essa a função principal?

Julius concordou.

— Lembro-me de ter ficado apegado à nossa análise. Tornou-se outra compulsão, mas infelizmente não substituiu a sexual, apenas coexistiu com ela. Lembro-me de esperar por cada sessão com ansiedade e de terminar desapontado. É difícil lembrar-me de muita coisa que fizemos, acho que tentámos compreender a minha compulsão a partir da minha história de vida. Entender, tentávamos sempre entender. Mas todas as sessões me pareciam suspeitas. Nenhuma tese era bem argumentada ou bem estruturada e, pior, nenhuma teve o menor efeito sobre a minha compulsão.

»E era uma compulsão. Eu sabia que era. E que precisava de acabar com aquilo. Demorei, mas acabei por concluir que o senhor não sabia como me ajudar e perdi a confiança no nosso trabalho conjunto. Lembro-me de que perdeu um tempo enorme a explorar o meu relacionamento com os outros e principalmente consigo. Isso, para mim, nunca fez sentido. Não fazia sentido nessa altura e continua a não fazer. Com o tempo, tornou-se doloroso encontrar-me consigo, doloroso ficar a explorar o nosso relacionamento como se fosse real ou duradouro ou qualquer outra coisa, menos o que realmente era: a compra de um serviço.

Philip parou e olhou para Julius com as mãos espalmadas para cima, como quem diz: «O senhor perguntou, aí está a resposta.»

Julius estava pasmado. Uma voz, que não parecia ser a dele, disse: — Perfeito, óptimo. Obrigado, Philip. Agora, o resto da sua história. O que fez desde então?

Philip juntou as palmas das mãos, encostou o queixo nos dedos, olhou para o tecto, para se concentrar, e continuou: — Bom, vejamos. Vou começar pela área do trabalho. A minha capacidade de criar agentes hormonais para impedir a reprodução de insectos foi óptima para a empresa e o meu salário foi aumentando. No entanto, eu estava muito enfasiado com a Química. Então, aos trinta anos, venceu um dos seguros que o meu pai fizera em meu nome. Foi a dádiva da liberdade. Tinha como me sustentar durante vários anos, então cancelei as assinaturas de publicações sobre Química, deixei o trabalho e passei a dar atenção ao que realmente queria na vida: ter cultura.

»Eu continuava mal, ansioso, obcecado por sexo. Tentei outros analistas, mas nenhum conseguiu ajudar-me mais que o doutor. Um deles, que estudara com Jung, disse-me que, para um viciado como eu,

a maior esperança de libertação estava na conversão espiritual. Essa sugestão levou-me à Filosofia de Religião, principalmente às ideias e costumes do Extremo Oriente, os únicos que faziam algum sentido. Todos os demais sistemas religiosos não conseguiam abordar as questões filosóficas fundamentais e usavam Deus para evitar a verdadeira análise filosófica. Cheguei a passar algumas semanas em centros de meditação. Foi interessante. Não aplacou a minha obsessão, mas tive a impressão de que ali havia alguma coisa interessante. Só que ainda não estava preparado para ela.

»Enquanto isso, excepto pelo período de castidade forçada no *ashram*, no centro de meditação, consegui descobrir algumas portas corrediças, e continuei a caçada sexual. Como sempre, fiz sexo com muitas mulheres, às dúzias, às centenas. Às vezes, duas por dia, em qualquer lugar, a qualquer hora que conseguisse, exactamente como quando me estava a tratar consigo. Sexo uma vez, às vezes duas com a mesma mulher, depois passava à seguinte. Após a primeira vez, nunca era excitante; deve conhecer o velho ditado que diz: «Só se pode ter sexo pela primeira vez, com a mesma miúda, uma vez.»

Philip tirou as mãos do queixo e virou-se para Julius.

— Esse ditado era para fazer humor, doutor Hertzfeld. Lembro-me de que disse uma vez que era interessante que eu, em todas as horas que passámos juntos, nunca contei uma piada.

Julius, que naquele momento não estava com disposição nenhuma para parvoíces, forçou-se a sorrir, embora sabendo que fora ele que contara aquela piada a Philip. Pensou em Philip como sendo um grande boneco mecânico com uma chave para lhe dar corda no alto da cabeça. Estava na altura de lhe dar corda outra vez. — E então, o que aconteceu?

Olhando para o tecto, Philip continuou: — Então, um dia tomei uma decisão. Já que nenhum terapeuta conseguira ajudar-me e, desculpe, inclusive o senhor, doutor Hertzfeld.

— Já percebi isso — interrompeu Julius, e acrescentou, rapidamente: — Não precisa de se desculpar. Está apenas a responder às minhas perguntas com sinceridade.

— Desculpe, não tive a intenção. Continuando: como a terapia não me dera uma resposta, resolvi curar-me, fazer uma biblioterapia, um tratamento através dos livros, assimilando o pensamento dos maiores sábios que já existiram. Assim, comecei a ler Filosofia com método, desde

os pré-socráticos até Popper, Rawls e Quine. Após um ano de estudo, a minha compulsão sexual não melhorara, mas cheguei a algumas conclusões importantes: estava no caminho certo e a Filosofia era o meu destino. Esse foi um grande passo; lembro-me de termos comentado que eu não me sentia à vontade em lugar nenhum.

Julius concordou: — Sim, também me lembro disso.

— Resolvi que, como ia passar alguns anos a ler Filosofia, podia transformar aquilo numa profissão. O meu dinheiro não duraria eternamente. Então, fiz um mestrado em Filosofia, na Columbia. Estive bem, defendi tese e cinco anos depois fiz o doutoramento. Comecei a dar aulas e, há dois anos, interessei-me pela Filosofia Clínica. E cá estou.

— Não acabou de me contar acerca da cura.

— Bom, na Columbia, nas minhas leituras, conheci um psicanalista, o analista perfeito, que me deu o que ninguém conseguira.

— Ele é de Nova Iorque, não? Como se chama? Mesmo na Columbia? A que sociedade psicanalítica pertence?

— Chama-se Arthur — Philip parou e ficou a olhar para Julius, com um meio sorriso.

— Arthur?

— Arthur Schopenhauer, o meu terapeuta.

— Schopenhauer? Está a brincar comigo, Philip.

— Nunca falei tão a sério.

— Conheço mal Schopenhauer, apenas os clichés sobre o seu enorme pessimismo. Nunca ouvi o nome dele citado no contexto da terapia. Como é que ele o conseguiu ajudar? O que...

— Detesto ter de o interromper, doutor Hertzfeld, mas tenho um cliente a chegar e até hoje não consigo atrasar-me para um compromisso, isso não mudou. Por favor, dê-me o seu cartão-de-visita. Numa outra ocasião conto-lhe mais sobre ele, o terapeuta feito para mim. Não exagere ao dizer que devo a vida ao génio de Arthur Schopenhauer.